

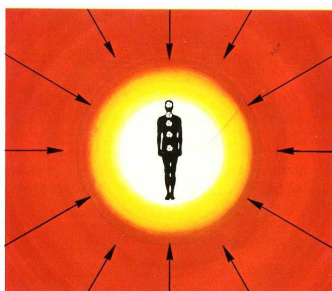
AUTODEFESA PSÍQUICA

Dion Fortune

Editora Pensamento

DION FORTUNE

AUTODEFESA PSÍQUICA



Como se defender dos ataques de natureza psíquica desencadeados contra nós.

Pensamento

PREFÁCIO

Problemas concernentes à redação de um livro sobre autodefesa psíquica / Os ataques psíquicos são mais comuns do que pensamos / Os anúncios dos cursos que desenvolvem o poder mental / A experiência pessoal da autora com um ataque psíquico / Psicologia e ocultismo / Ligação entre o abuso dos poderes mentais e o culto das bruxas.

Foi com consciência dos problemas implicados que me entreguei à tarefa de escrever um livro sobre o ataque psíquico e sobre os melhores métodos de defesa contra ele. O empreendimento está cercado de armadilhas. É praticamente impossível fornecer informação prática sobre os métodos de defesa psíquica sem ao mesmo tempo fornecer informação prática sobre os métodos de ataque psíquico. Não é sem razão que os iniciados sempre guardaram sua ciência secreta atrás de portas fechadas. Revelar o suficiente para perfeito entendimento sem ao mesmo tempo revelar demais que se torne perigoso, eis o meu problema. Mas como muito já se tornou conhecido a respeito dos ensinamentos esotéricos, e como o círculo de estudantes do oculto está se tornando mais amplo a cada dia, pode bem ser que tenha chegado a hora de falar sem rodeios. Não procurei a tarefa, mas, visto que ela me veio às mãos, farei o melhor que puder para cumpri-la honradamente, tornando acessível o

conhecimento que acumulei durante a experiência de muitos anos com as estranhas veredas da mente que o místico partilha com o lunático. Este conhecimento não foi obtido sem algum custo, nem, como suspeito, será a sua divulgação inteiramente isenta de encargos.

Procurei evitar, na medida do possível, a utilização de material de segunda mão. Todos conhecemos a pessoa que tem um amigo cujo amigo viu um fantasma com os seus próprios olhos. Isso não é de muita utilidade a ninguém. O que precisamos é ter a testemunha sob rigorosa investigação. Por esse motivo, não recorri à vasta literatura sobre o assunto em busca de ilustrações para a minha tese, preferindo contar com os casos que se alinham no âmbito de minha própria experiência, e que fui capaz de examinar.

Penso que posso reivindicar a posse de qualificações práticas, e não apenas teóricas, para a tarefa. Minha atenção voltara-se inicialmente para a psicologia, concentrando-se depois no ocultismo como a chave real para a psicologia, devido à experiência pessoal de um ataque psíquico que me deixou com a saúde arruinada por um período considerável. Conheço por mim mesma o horror peculiar de tal experiência, sua insídia, sua potência e seus desastrosos efeitos sobre a mente e o corpo.

Não é fácil conseguir que as pessoas se apresentem e testemunhem os ataques psíquicos. Em primeiro lugar, porque elas sabem que há pouquíssima probabilidade de que acreditem nelas e que é mais provável receberem a pecha de desequilíbrio mental. Em segundo lugar, porque qualquer intromissão nas bases da personalidade é uma experiência horrorosa de tal modo peculiar e singular que a mente procura evitá-la e o indivíduo não consegue falar sobre o assunto.

Sou da opinião de que os ataques psíquicos são mais comuns do que geralmente acreditamos, e mesmo os ocultistas não avaliam a sua extensão. O público em geral não imagina absolutamente as coisas que são feitas pelas pessoas que têm um conhecimento dos poderes da mente humana, e que se dão ao trabalho de explorá-los. Os estudantes do ocultismo sempre tiveram o conhecimento desses poderes, mas atualmente eles são conhecidos e utilizados por pessoas que ficariam sobremodo surpresas ao descobrirem quem são os seus colegas de prática. A Sra. Eddy, fundadora da Ciência Cristã, topou com esses métodos empiricamente, sem jamais ter adquirido qualquer conhecimento racional de seu *modus operandi*. Ela procurou ensiná-los de tal modo que eles pudessem ser utilizados apenas para o bem, e que seus poderes para o mal não viessem à tona; mas que ela própria teve conhecimento de suas possibilidades malignas, testemunha-o o terror por aquilo que ela chamava de “Magnetismo Animal Malévolo” e que ensombreceu toda a sua vida.

Os métodos da Ciência Cristã, sem a sua disciplina estrita e a sua cuidadosa organização, foram desenvolvidos e explorados pelas inúmeras escolas e seitas do Movimento do Novo Pensamento. Em muitos desses desdobramentos, o aspecto religioso foi esquecido e os métodos se tornaram simplesmente uma coleção de regras de manipulação mental para fins pessoais, embora não para fins deliberadamente malignos. Seus representantes informaram que poderiam ensinar a arte de vender, de tornar o indivíduo popular e influente na sociedade, de atrair o sexo oposto, de obter dinheiro e sucesso. O número surpreendente desses cursos anunciados mostra a sua popularidade; numa publicação recente de uma revista americana, contei anúncios de sessenta e três diferentes cursos de treinamento em várias formas de poder mental. Eles não seriam tão populares se não obtivessem nenhum resultado. Consideremos alguns desses anúncios e vejamos o que eles indicam, lendo nas entrelinhas e tirando as nossas próprias conclusões.

“Transmita seus pensamentos aos outros. Peça folheto grátis. Telepatia ou Rádio Mental”

“Problemas com saúde, amor, dinheiro? Deixe-me ajudá-lo. Não haverá falhas, se você seguir as instruções. Estritamente pessoal e profissional. Cuidadoso como o médico da família. Remeta cinco dólares ao fazer o pedido. Devolveremos o dinheiro se você não ficar satisfeito.”

“O que você deseja? Seja o que for, podemos ajudá-lo a conseguir. Dê-nos a chance de ajudá-lo escrevendo para ‘Nuvens Limpas’. Absolutamente grátis. Você ficará encantado.”

“HIPNOTISMO. Não possuirá você esse estranho e misterioso poder que encanta e fascina homens e mulheres, influencia seus pensamentos e controla seus desejos, e que o torna mestre supremo de todas as situações? A vida está repleta de possibilidades sedutoras para aqueles que dominam os segredos da influência hipnótica e para aqueles que desenvolvem seus poderes magnéticos. Você pode aprender em casa a curar doenças e maus hábitos sem drogas, a conquistar a amizade e o amor, a aumentar seus rendimentos, a realizar seus desejos, a afastar os aborrecimentos e as preocupações de sua mente, a aperfeiçoar sua memória, a superar as dificuldades domésticas, a dar o mais emocionante entretenimento jamais testemunhado e a desenvolver uma força de vontade prodigiosamente magnética, que lhe permitirá superar todos os obstáculos ao seu sucesso.

“Você pode hipnotizar as pessoas instantaneamente — tão rápido quanto um relâmpago — pode conseguir que você mesmo ou qualquer outra pessoa durma

em qualquer hora do dia ou da noite, ou acabar com a dor e o sofrimento. Nosso livro grátis conta para você os segredos dessa ciência maravilhosa. Ele explica exatamente como você pode utilizar esse poder para melhorar suas condições de vida. Nosso livro foi entusiasticamente aprovado por ministros evangélicos, doutores, executivos e mulheres da sociedade. Ele traz benefícios a todos. E não custa nada. Nós o distribuimos para informar sobre a nossa instituição.”

Tais são alguns poucos exemplos escolhidos dentre os sessenta e três anúncios incluídos nessa única publicação de uma popular revista semanal. Eles foram reproduzidos in extenso, e sem alterações, exceto pela omissão dos endereços.

Consideremos agora o que anúncios como esses significam do ponto de vista das pessoas a quem não são dirigidos, as pessoas sobre quem se presume que o leitor procura adquirir poder. Qual será a sua posição se este quebrar o décimo mandamento e cobiçar a mulher alheia, ou seu gado, ou seu asno, ou qualquer outro de seus valores? Suponhamos que o estudante diligente desses métodos deseje algo que não deveria ter. Suponha-mos que ele esteja do outro lado da lei. Ou que sofreu uma injúria e deseja vingar-se. Ou que apenas gosta do poder para seu próprio benefício. Qual será o destino da bucha de canhão que fornece ao estudante da força mental a munição para as suas experiências? Qual a sensação de ser dominado por esses métodos, e quais os resultados que podem ser finalmente obtidos por um experimentador experiente?

Deixem-me contar-lhes a minha própria experiência, por mais penosa que ela seja, pois alguém deve apresentar-se pela primeira vez e revelar os abusos que podem florescer quando não se compreende o significado desses poderes.

Quando eu era uma jovem de vinte anos, entrei para o serviço de uma mulher que, hoje sei, devia possuir um considerável conhecimento de ocultismo, obtido durante uma longa estada na Índia, e a respeito do qual ela costumava dar indiretas que eu não podia entender naquela época, mas que, à luz dos conhecimentos posteriores, eu viria a compreender muito bem. Ela costumava controlar os empregados por meio de seu conhecimento do poder mental, e as pessoas que trabalhavam para ela apresentavam uma constante sucessão de colapsos muito peculiares.

Eu não estava empregada há muito quando ela precisou de mim para testemunhar numa ação judicial. Ela era uma mulher de temperamento violento e havia demitido um empregado sem aviso prévio, sem pagar-lhe o que devia, e ele a estava acionando para receber o dinheiro a que tinha direito. Ela precisava de mim para dizer que o comportamento desse homem havia sido de tal ordem que ela tinha justificativas para demiti-lo daquela maneira. Seu método para obter meu testemunho foi fixar os meus olhos com um olhar fixo e concentrado

e dizer tais e tais coisas aconteceram”. Felizmente para todos os envolvidos, eu mantinha um diário e havia registrado diariamente todos os incidentes. Se não fosse por isso, não sei o que me teria acontecido. Ao fim da entrevista, eu estava atordoada e exausta, e sem me despir caí em minha cama e dormi o sono da exaustão absoluta até a manhã seguinte. Acredito que tenha dormido por cerca de quinze horas.

Pouco depois disso, ela precisou novamente de meu testemunho. Ela desejava livrar-se de meu superior imediato, e precisava encontrar provas suficientes para justificar a sua ação. Ela repetiu as manobras anteriores, mas dessa vez eu não tinha um registro diário a que recorrer, e para minha inteira surpresa me vi concordando com ela numa série de acusações inteiramente infundadas contra o caráter de um homem que eu não tinha razão alguma para acreditar que não fosse absolutamente honesto. A mesma exaustão e o mesmo sono de morte me assaltaram imediatamente depois dessa entrevista, como na vez anterior, mas um novo sintoma então se manifestou. Quando saí da sala ao término da entrevista, experimentei a curiosa sensação de que meus pés não estavam no lugar em que eu esperava que estivessem. Todo aquele que andou sobre um tapete que apresenta calombos devido aos tacos soltos compreenderá o que eu quero dizer. Os ocultistas reconhecerão um caso de extrusão do duplo etéreo.

O incidente seguinte nesse curioso ménage não envolveu a mim, mas a outra moça, uma órfã de meios consideráveis. Minha empregadora estava sempre em sua companhia e finalmente a persuadiu a confiar-lhe todo o seu capital. Entretanto, os curadores ficaram encolerizados, forçaram a minha empregadora a restituir os bens, e levaram imediatamente a moça consigo, deixando todos os seus pertences para serem empacotados e enviados ao novo endereço.

Um outro incidente ocorreu logo a seguir. Havia no estabelecimento uma mulher idosa que era um tanto quanto rebaixada mentalmente. Uma boa velhinha, mas infantil e excêntrica. Minha empregadora voltou a sua atenção para ela, e assistimos ao início do mesmo processo de domínio. Nesse caso não havia curadores para interferir, e a pobre e velha senhora foi persuadida a retirar seus negócios das mãos do irmão, que até então os administrava, e a confiá-los às boas graças de minha empregadora. Minhas suspeitas se confirmaram então completamente. Como não podia suportar a idéia de ver a velha “Tia” trapaceada, meti minha colher no assunto, coloquei a “Tia” a par da situação, coloquei seus pertences numa caixa, e a enviei aos seus parentes, numa ocasião em que a minha empregadora não estava presente.

Eu esperava que a minha cumplicidade no negócio não fosse descoberta, mas logo perdi as esperanças. A secretária de minha empregadora veio uma noite ao meu quarto, depois de apagadas as luzes, e avisou-me que a diretora, que é

como a chamávamos, havia descoberto quem engendrara a fuga da ‘Tia’, e que eu deveria esperar pelo pior. Sabendo da sua natureza extremamente vingativa, compreendi que a minha única saída era fugir, mas uma fuga não era algo inteiramente fácil de realizar. A instituição em que eu estava era de natureza educacional, e cumpria formalizar o aviso prévio antes de sair. No entanto, eu não desejava de modo algum trabalhar durante esse prazo sob a tutela sem controle de uma mulher rancorosa. De modo que esperei uma oportunidade que justificasse a minha saída. Com o temperamento irascível de minha empregadora, eu não precisaria esperar muito tempo. Na noite seguinte, estando eu empenhada até tarde em preparar os meus pacotes na perspectiva de minha fuga, outro membro do grupo veio ao meu quarto — uma moça que falava raramente, não tinha amigas e fazia seu trabalho como um autômato. Eu jamais me relacionara com ela, e estava muito surpresa com a sua visita.

Contudo, ela logo se explicou.

“Você pretende sair?”, perguntou-me.

Admiti que de fato pretendia.

“Então vá sem ver a Diretora. Você não sairá se o fizer. Eu tentei por várias vezes, e não pude sair.”

No entanto, eu era jovem e confiava em minha força juvenil e não tinha meios de avaliar os poderes dispostos contra mim, e na manhã seguinte, em roupas de viagem, valise nas mãos, desci e enfrentei a minha formidável empregadora em sua toca, determinada a dizer-lhe o que ou pensava dela e de seus métodos, sem suspeitar de maneira alguma que outra coisa além de patifaria e intimidação estava preparada.

Não pude, no entanto, iniciar o meu discurso cuidadosamente preparado. Assim que ela soube que eu pretendia sair, disse-me:

“Pois bem, se quer ir, você irá. Mas antes que saia deve admitir que é incompetente e que não tem nenhuma autoconfiança.”

Estando disposta a lutar, perguntei-lhe por que não me demitia, já que eu era incompetente, e, de mais a mais, eu era apenas o produto de sua própria escola de treinamento. Este comentário naturalmente não melhorou a situação.

Iniciou-se então uma extraordinária litania. Ela recorreu ao seu velho truque de fixar-me com um olhar atento e disse:

“Você é incompetente e sabe disso. Você não tem nenhuma auto-confiança e tem que admiti-lo.”

“Isso não é verdade. Eu conheço meu trabalho, e a senhora sabe que eu sei”, respondi.

Ora, não havia dúvida de que muito poderia ser dito a respeito da minha competência em meu primeiro emprego na idade de vinte anos, tendo inúmeras responsabilidades sobre os ombros e às voltas com um departamento desorganizado; mas nada podia ser dito contra a minha autoconfiança, exceto que eu a tinha em excesso.

Minha empregadora não fez objeções nem me ofendeu. Ela continuou a pronunciar as duas frases, repetindo-as como as respostas de uma litania. Eu entrara em sua sala às dez horas e a deixei às duas horas da tarde. Ela deve ter repetido as duas frases várias centenas de vezes. Quando entrei, eu era uma moça forte e saudável, mas sai arrasada e fiquei doente por três anos.

Algum instinto me advertiu que, caso admitisse que eu era incompetente e que não tinha nenhuma autoconfiança, as minhas forças se quebrariam e eu jamais poderia me recuperar depois, e reconheci que essa manobra peculiar de minha empregadora era um ato de vingança. Por que eu não segui o remédio óbvio de fugir, eu não sei, mas na hora em que percebemos que um fato anormal está para acontecer somos mais ou menos atraídos para ele, e assim como o pássaro diante da serpente não pode utilizar suas asas, não podemos do mesmo modo nos mover ou fugir.

Aos poucos, tudo começou a parecer irreal. Tudo que eu sabia era que precisava manter a todo custo a integridade de minha alma. Uma vez que eu concordasse com as suas sugestões, eu estaria liquidada. De modo que continuamos com a nossa litania.

Mas eu estava chegando perto do fim de minhas forças. Eu tinha a curiosa sensação de que o meu campo de visão estava se estreitando. Esse fenômeno é, como acredito, característico da histeria. Pelo canto dos olhos, eu podia ver dois muros de trevas avançando atrás de mim em ambos os lados, como se eu estivesse de costas para um biombo e este se fosse lentamente fechando sobre mim. Eu sabia que quando aqueles dois muros de trevas se encontrassem eu estaria perdida.

Aconteceu então uma coisa curiosa. Eu ouvi claramente uma voz interior dizer-me:

“Finja que está derrotada antes de o estar realmente. Ela cessará então o ataque e você poderá sair”. O que era essa voz, eu jamais o soube.

Segui imediatamente seu conselho. Mentindo, pedi desculpas à minha empregadora por tudo que havia feito ou que ainda faria. Prometi permanecer em meu posto e andar às direitas por todos os dias de minha vida. Lembro-me que cai de joelhos diante dela, e ela rronou complacentemente para mim, satisfeítíssima com o trabalho da manhã, e ela bem tinha razão para assim estar.

Minha empregadora deixou-me sair, e eu entrei em meu quarto e me deitei na cama. Mas não pude descansar até escrever-lhe uma carta.

O que continha essa carta eu não sei. Assim que a escrevi e a coloquei num local em que ela a encontraria, senti uma espécie de estupor, e permaneci nesse estado com a minha mente em estado de absoluta suspensão até a tarde seguinte. Ou seja, das duas da tarde até por volta das vinte horas do dia seguinte — trinta horas. Era um frio dia de primavera e ainda caía neve. Uma janela junto à cabeceira da cama estava completamente aberta e o quarto não havia sido aquecido. Eu estava descoberta, mas não sentia nem frio nem fome, e todos os processos do corpo estavam em suspensão. Eu não me movia. As batidas do coração e a respiração eram muito lentas, e continuaram assim por muitos dias.

Fui encontrada por acaso pela governanta, que me reviveu com a simples aplicação de uma boa sacudida e uma esponja fria. Eu estava tonta e sem vontade de me mover ou mesmo de comer. Fiquei deitada na cama e meu trabalho ficou entregue a si mesmo, e a governanta vinha me ver de tempos em tempos, mas não fez nenhum comentário sobre o meu estado. Minha empregadora jamais apareceu.

Cerca de três dias depois, minha estranha amiga, que pensava que eu havia deixado a casa, soube que eu ainda lá me encontrava, e veio me ver; eis um ato que exigia alguma coragem, pois a nossa empregadora mútua era um adversário formidável. Ela me perguntou o que havia ocorrido em minha entrevista com a Diretora, mas eu não pude contar-lhe. Minha mente era um espaço em branco e toda a lembrança dessa entrevista havia desaparecido como quando passamos o apagador sobre uma lousa. Tudo que eu sabia era que das profundezas de minha mente provinha um pânico terrível que me obsediava. Não medo de qualquer coisa ou pessoa. Um medo simples sem um objeto definido, mas não há nada mais terrível do que isso. Fiquei na cama com todos os sintomas físicos que experimentamos sob medo intenso. Boca seca, mãos transpirando, coração palpitante e respiração superficial e acelerada. Meu coração batia tão forte que a cada batida uma maçaneta de bronze caía sobre a armação da cama chocalhava. Felizmente para mim, minha amiga viu que algo estava seriamente

errado e avisou a minha família, que veio buscar-me. Eles ficaram naturalmente muito desconfiados. A Diretora estava embaraçadíssima, mas ninguém podia provar coisa alguma, de modo que nada foi dito. Minha mente era um espaço vazio. Eu estava completamente assustada e muito exausta, e meu único desejo era ir embora.

Eu não me recuperei, contudo, como era de se esperar. A intensidade dos sintomas diminuiu gradualmente, mas eu continuava a me cansar com muita facilidade, como se toda a minha vitalidade tivesse sido drenada. Eu sabia que, em algum lugar no fundo de minha mente, estava oculta a lembrança de uma terrível experiência, e eu não me atrevia a pensar nela, porque, se o fizesse, o choque e o esforço seriam tão severos que minha mente ficaria completamente arrasada. Minha consolação principal era um velho livro escolar de aritmética, e eu costumava passar horas e horas fazendo contas simples para evitar que a minha mente se fragmentasse perguntando o que me haviam feito e esgueirando-se em direção à memória, e dessa maneira eu me afastava da lembrança como um cavalo assustado. Por fim, ganhei um pouco de paz chegando à conclusão de que eu tinha simplesmente um esgotamento por excesso de trabalho, e que todo o estranho ocorrido era fruto de minha imaginação. E no entanto restava a sensação de que tudo era real e de que essa sensação não me deixaria descansar.

Cerca de um ano depois desse incidente, como minha saúde ainda estivesse precária, eu fui ao campo me recuperar, e lá entrei em contato com uma amiga que estivera em dificuldades exatamente por ocasião do meu colapso. Isso nos dava evidentemente bons assuntos para a conversa, e eu encontrara alguém que não procurava explicar minha experiência, mas, ao contrário, fazia perguntas pertinentes. Outra amiga interessou-se por meu caso e arrastou-me ao médico da família, que rudemente diagnosticou que eu havia sido hipnotizada. Esse incidente ocorreu antes dos dias da psicoterapia, e para auxiliar uma mente doente ele se limitou a administrar-me algumas palmadas nas costas e a receitar-me um tônico e brometo. O tônico foi útil, mas o brometo não, pois baixou meus poderes de resistência, e eu rapidamente o pus de lado, preferindo suportar o meu desconforto a ficar inerte. Durante todo o tempo, eu estava obsediada pelo medo de que essa estranha força que fora aplicada sobre mim de modo tão efetivo novamente me atacasse. Mas embora eu temesse esse misterioso poder, que estava bem mais difundido pelo mundo do que eu imaginara, não posso dizer que alívio foi para mim descobrir que todo o ocorrido não era uma alucinação, mas um fato real que podia ser discutido e enfrentado.

Obtive minha libertação desse medo encarando toda a situação e determinada a descobrir exatamente o que me havia acontecido e como eu podia me proteger

contra a repetição da experiência. Foi um processo extremamente desagradável, pois a reação causada por recuperar as lembranças foi um pouco menos violenta do que a original; mas eu finalmente consegui libertar-me de minha atormentada condição de medo, embora tenha decorrido um longo tempo antes de minha saúde física tornar-se normal. Meu corpo era como uma bateria que tivesse sido completamente descarregada. Levava muito tempo para carregá-la novamente, e toda vez que ela era utilizada antes de a recarga estar completa, a carga se perdia rapidamente. Por um longo tempo, fiquei sem reservas de energia, e depois do menor esforço eu caía num sono de morte a qualquer hora do dia. Na linguagem do ocultismo, o duplo etéreo se danificara e o prana havia vazado. Ele só voltou ao normal depois que recebi a iniciação numa ordem oculta na qual treinei posteriormente. Num certo momento da cerimônia, senti uma mudança, e é apenas em raras ocasiões, desde então, após alguma injúria psíquica, que sofro temporariamente daqueles ataques esgotantes de exaustão.

Narrei essa história em detalhes porque ela fornece uma boa ilustração da maneira pela qual os poderes pouco conhecidos da mente podem ser utilizados por uma pessoa inescrupulosa. A experiência de primeira mão tem muito mais valor do que qualquer coletânea de exemplos extraídos das páginas da história, ainda que bem autenticados.

Se o incidente acima descrito tivesse ocorrido durante a Idade Média, o padre da paróquia teria organizado uma caça às bruxas. À luz de minhas próprias experiências, não me surpreendo que as pessoas que adquiriram a fama de praticar a bruxaria tenham sido linchadas, pois os métodos são terríveis e intangíveis. Podemos pensar que os relatos dos julgamentos de bruxas são ridículos, com as suas histórias de imagens de cera que se derretiam a fogo lento, ou a crucificação de sapos batizados, ou a recitação de pequenos refrãos, tais como “Horse, haddock, ia ride, ia ride “.Mas se compreendemos a utilização dos poderes da mente, podemos perceber que esses meios eram utilizados para auxiliar a concentração. Não há diferença essencial entre espetar agulhas numa imagem de cera de um inimigo e acender velas diante de uma imagem de cera da Virgem Maria. Podemos pensar que ambas as práticas não passam de superstição grosseira, mas não podemos pensar que uma é real e potente e negar a realidade e o poder da outra. “As armas de nossa guerra não são carnisais”, poderiam muito bem dizer os praticantes tanto da Magia Negra quanto da Igreja.

Meu próprio caso pertence mais ao reino da psicologia do que ao do ocultismo, pois o método empregado consistiu na aplicação do poder hipnótico para fins impróprios; eu o narrei, contudo, porque estou convencida de que os métodos hipnóticos são largamente utilizados na Magia Negra, e de que a sugestão telepática é a chave para um grande número de seus fenômenos. Cito meu

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

